

O ADOECIMENTO DAS MÃES DE FILHOS ATÍPICOS DIANTE DA ROMANTIZAÇÃO DO MATERNAR

Gabriela Bigirdy Almeida Mota, Faculdade Ages de Jacobina, gabigirdy@icloud.com;
Maiara França Carneiro Vilas Bôas, Faculdade Ages de Jacobina, maiara.cat15@gmail.com;
Msc. Martina Indira de Jesus Silva (orientadora)

RESUMO:

A maternidade é uma experiência única que determina mudanças em todas as esferas da vida da mulher. Por sonho, planejamento ou até mesmo falha de método contraceptivo, a concepção de uma vida, marca o início de novas responsabilidades e de uma experiência subjetiva que atravessará essa mulher-mãe. Neste contexto é fundamental falar sobre saúde mental, bem como os obstáculos que esta pode enfrentar ao constatar que seu filho terá desenvolvimento atípico, oportunizando o suporte necessário para o atravessamento dessa condição desafiadora. Este estudo realizado por meio de pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa, visa discorrer sobre as implicações da romantização da maternidade à saúde mental das mulheres que experienciam uma maternagem atípica, explanando como a romantização do maternar e o luto frente às expectativas desfeitas sobre o filho ideal, influenciam diretamente no adoecimento psicológico e ressaltar como a rede de apoio pode ajudar nessas circunstâncias.

INTRODUÇÃO:

Apesar de toda a individualidade conquistada pela mulher no decorrer de sua representação na construção histórica, existe um idealismo de que esta nasceu com o instinto de ser mãe e seu grande propósito é gerar filhos. Essa rotulação é vista como parte da romantização que norteia a maternidade (CORREIA, SANTOS e ACÁCIO, 2023). Podemos entender em linhas gerais que romantizar a maternidade é o ato de engendrar uma experiência historicamente estabelecida como perfeita, sem levar em consideração sentimentos, emoções e preferências individuais.

Para além das alterações físicas e hormonais inerentes à maternidade, a estrutura psíquica precisa de atenção e cuidado, pois há de se considerar que a gestação e o período logo após o parto são momentos de adaptação à uma nova realidade, considerada emocionalmente desafiadora e que vem marcada por transformações que implicam diretamente na saúde mental.



Mediante a estes pressupostos, o nosso estudo tem por objetivo compreender se há relação entre o adoecimento psicológico de mulheres-mães com a romantização da maternidade atípica na contemporaneidade, conhecendo as vivências que norteiam suas realidades após a confirmação do diagnóstico de atipicidade, perpassando pelo processo de luto frente a essa realidade, que por vezes é acompanhada de sofrimento e adoecimento psíquico da família, sobretudo das mães (GAMA, 2019). Pessoa, Melo e Lima (2022) destacam que o principal fator de angústia na maternidade atípica é o que a sociedade irá pensar. O julgamento, os olhares pesarosos e os apontamentos que seus filhos podem sofrer, causam mais tensão, do que o diagnóstico em si; pois a aflitiva realidade do despreparo social no que concerne ao acolhimento e respeito à diversidade é devastadora. Além desse apreensivo contexto, essa mãe precisa lidar ainda com a dor do luto, ocasionada pela morte simbólica do filho idealizado, ao mesmo tempo que constroi uma rede de apoio.

PALAVRAS-CHAVE:

Maternidade atípica, romantização, rede de apoio.

MÉTODO:

Para a realização deste estudo utilizamos o método de pesquisa bibliográfica, mediante a análise de material já existente coletando dados por meio de fontes confiáveis através de artigos científicos, livros, revistas e materiais disponibilizados em plataformas acadêmicas, a saber, Scielo, Google Acadêmico e Capes, filtrados pelas palavras-chave: Maternidade atípica; romantização; rede de apoio. A abordagem é do tipo qualitativa, que nos permitiu compreender, descrever e explicar o fenômeno estudado e as suas relações. A importância dessa abordagem para nossa pesquisa foi fundamentada na interpretação dos dados partindo de revisões bibliográficas, através da abrangente narrativa das relações sociais observadas nesse contexto que também é estabelecida pelos objetivos e hipóteses desta pesquisa (BRITO, OLIVEIRA e SILVA, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O desejo de ter um filho constitui-se em um processo que tem início antes da gestação, por meio das primeiras relações e identificações da mulher, passando pela infância e adolescência, até constituir-se na gestação, propriamente dita (Piccinini *et al.*, 2008). Badinter



(2011, p. 20) aduz que “o amor materno é um dogma inquestionável da subjetividade daquela que não desejaria nada mais do que ser a mãe perfeita”.

Durante o período gestacional é comum a espera pela criança perfeita idealizada pela mulher desde a infância através do brincar, e a expectativa é que seu desenvolvimento seja típico. Após o nascimento e como o primeiro reflexo involuntário de proteção materna, a mãe verifica se a criança é fisicamente “perfeita”, quando sim, sente-se aliviada. No entanto, quando uma mãe recebe a notícia de que seu filho tem desenvolvimento atípico, ocorre a “morte” do filho imaginado, gerando medo, insegurança, frustração, vergonha e tristeza, levando essa mãe a experimentar um luto.

Segundo Papalia e Feldman (2013), o luto é uma resposta emocional que vivenciamos nos estágios da perda e nele se estabelece um “padrão” de elaboração, onde há uma experiência pessoal e que é relativa de pessoa para pessoa. O que as autoras apresentam leva a reflexão de que, uma mãe em processo de elaboração do luto frente à maternidade atípica, entra nos estágios clássicos do enlutamento, em que para algumas a aceitação da realidade e a inexistência do ideal, é processada aos poucos na busca pela adaptação para esse novo cenário. Algumas mães não conseguem elaborar esse luto, o que pode acarretar em consequências que implicarão negativamente na saúde psicológica. Um luto mal e/ou não elaborado, desencadeia adoecimento emocional que reflete na saúde física, no bem estar familiar e nas relações, sobretudo com o bebê. O contexto situacional que envolve a mãe desde os primeiros indícios incomuns observados no comportamento da criança, passando pelo recebimento de um diagnóstico, adaptação a rotina e sua organização mental, denota fatores estressantes e complexos que implicam em vulnerabilidade e adoecimento físico e emocional (SILVA; RIBEIRO, 2012).

Os sinais mais frequentes do adoecimento mental das mães são exaustão, mudança abrupta no humor, tristeza intensa. No entanto, todos estes sintomas muitas vezes ficam velados e são notados apenas como cansaço. É importante observar a frequência e a intensidade desses sintomas, que podem parecer normais em razão da realidade materna.

Quando pensamos em saúde mental materna não podemos deixar de mencionar a importância da rede de apoio. Ela é composta por pessoas com as quais a mãe pode contar quando sentir necessidade de ajuda, e pode ser constituída por familiares e amigos com os quais a mãe tenha uma relação de confiança, além de profissionais contratados. Essa rede de apoio exerce



um papel importante na saúde mental das mães atípicas, favorecendo na redução dos episódios de estresse, ansiedade, exaustão e tristeza. A escuta psicológica é apontada como um mecanismo terapêutico, que além de proporcionar um espaço seguro para a expressão emocional, facilita o autoconhecimento e abre caminho para a construção de estratégias de enfrentamento mais adaptativas (LAPOLLI, 2019).

CONCLUSÕES:

A explanação construída nesta pesquisa evidencia as alterações implicadas na vida pessoal e na dinâmica familiar das mulheres-mães atípicas, reforçando a importância e a necessidade da rede de apoio em razão das demandas decorrentes da própria maternidade. A maternidade atípica é um lugar solitário que impõe constantes desafios e enfrenta seguidos episódios de preconceito. As mães atípicas são aquelas que todos admiram, mas ninguém quer ser e essas mães estão adoecendo por silenciar o grito do sofrimento, na busca incansável por assistência e respeito. A discussão sobre a maternidade atípica deve ser aberta e amplamente difundida em todos os espaços, é preciso acolhimento e escuta especializada para essa mãe exausta e vulnerável. A sociedade precisa legitimar as percepções, os medos e a solidão que atravessam o materno atípico, pois esses aspectos são potencialmente adoecedores e essas mulheres-mães não acolhidas sucumbem, e não raro, vivas ou não, morrem.

REFERÊNCIAS:

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. **A Importância Da Pesquisa Bibliográfica No Desenvolvimento De Pesquisas Qualitativas Na Área De Educação.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.1-15/20217.

CORREIA, V. S. M., SANTOS N, T. L., e ACÁCIO H. P. K. . (2023). **A Romantização Da Maternidade Nos Dias Atuais E Os Impactos Causados Na Vida Das Mulheres.** Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais - UNIT - ALAGOAS, 8(1), 11–22. Recuperado de <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/11112>.

GAMA, Maria Eduarda da. **ATRAVÉS DO ESPECTRO: Redes de apoio social na vivência da maternidade atípica.** Monografia (Bacharel em Comunicação), Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador. p. 59, 2019.





LAPOLLI, Cibele Aparecida Rigoni. Escuta psicológica nas organizações: acolher, orientar e encaminhar. Psicologia-Florianópolis, 2019.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PESSOA, R. M.; MELO, U.; LIMA, J. Luto pelo filho idealizado: pais de crianças com TEA. Revista eletrônica Estácio Recife. Vol. 7 – Nº 02 - Março, 2022.

PICCININI, C. A., GOMES, A. G., NARDI, T., & LOPES, R. S. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. Psicologia em Estudo, 13(1), 63-72.

SILVA, E. B. A.; RIBEIRO, M. F. M. Aprendendo a ser mãe de uma criança autista. Revista Estudos Vida e Saúde – EVS, Goiânia, v. 39, n. 4, p. 579-589, out./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2670/1632>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FOMENTO:

Outros.

